



COMPREENDENDO MASCULINIDADES: ITINERÁRIOS PARA UMA MASCULINIDADE TRANSFORMADORA

UNDERSTANDING MASCULINITIES: PATHWAYS TO A TRANSFORMATIVE MASCULINITY

Tiago Ademir Graube*

*Quando eu estava prá nascer de vez em quando eu ouvia
Eu ouvia a mãe dizer
Ai meu Deus como eu queria
Que essa cabra fosse home'
Cabra macho prá danar
Ah! Mamãe aqui estou eu
Mamãe aqui estou eu
Sou homem com H
E como sou.¹*

Resumo: Este artigo explora as relações entre masculinidades, religião, gênero e sexualidade, destacando os desafios e as transformações nas formas como a masculinidade é compreendida e vivida. As influências das instituições religiosas sobre as normas de gênero e sexualidade são discutidas, bem como as possibilidades de construção de novas masculinidades que promovam igualdade de gênero, justiça social e respeito à diversidade sexual. Este trabalho busca investigar o papel das religiões na promoção ou desmantelamento de masculinidades hegemônicas e propor novas maneiras de pensar a relação entre masculinidade, identidade de gênero e sexualidade. Metodologicamente, este artigo busca realizar uma revisão literária, acerca dos temas de gênero, sexualidade e masculinidades e sua interseccionalidade com a teologia e a religião, com o intuito de apresentar possíveis paradigmas para a construção de novas realidades de masculinidades a partir das teorias e estudos de gênero.

Palavras-chave: Masculinidades. Religião. Gênero. Sexualidade. Transformações sociais. Inclusão.

* Teólogo, mestre em Teologia, gênero sexualidade e juventude, doutorando em Teologia – Religiões e movimentos sociais pela Faculdade EST. Pesquisador das áreas de teologia, gênero e sexualidade, diversidade sexual, sustentabilidade organizacional a partir das categorias de gênero e diversidade. E-mail: tiago.a.graube@gmail.com

¹ Trecho extraído da letra homem com H, do cantor intérprete e compositor brasileiro Ney Matogrosso. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ney-matogrosso/47726/>. Acesso em: 06 nov. 2024.



Abstract: This article explores the relationships between masculinities, religion, gender, and sexuality, highlighting the challenges and transformations in how masculinity is understood and experienced. It discusses the influence of religious institutions on gender and sexuality norms, as well as the possibilities for constructing new masculinities that foster gender equality, social justice, and respect for sexual diversity. The study aims to examine the role of religions in promoting or dismantling hegemonic masculinities and proposes new ways to rethink the relationship between masculinity, gender identity, and sexuality. Methodologically, this article conducts a literature review on gender, sexuality, and masculinities to present potential paradigms for constructing new masculinities based on gender theories and studies.

Keywords: Masculinities. Religion. Gender. Sexuality. Social transformations. Inclusion.

INTRODUÇÃO

A partir do trecho da letra da canção interpretada por Ney Matogrosso, pode-se ter um vislumbre do tema a ser abordado neste artigo. As masculinidades, as coisas, jeitos, formas e termos do ser homem, antecedem o nascimento, elas são da cultura, da sociedade, reproduzidas em tempos, formas e estereótipos que convergem e adentram os espaços de sociabilização, religiosidade, poder e universalidade.²

A cultura, os veículos de comunicação, as artes a música, cinema, religião, desde muito tempo operam em muitos aspectos como propagadores de estereótipos, através do patriarcado, do sistema capitalista, formando corpos e mentes para um padrão de vida de desejos e expressões que sejam controláveis, que exerçam suas vidas no ritmo dos desmandes e desejos de um determinado grupo, culturalmente conhecidos como uma “maioria”, auto identificadas no espectro heterocisnormativo³.

² Para mais informações sobre uma análise da letra da música, veja: NASCIMENTO, Aldaberon Vieira do. Estereótipos de masculinidades na música ‘Homem com H’ e seus reflexos na educação. In: COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES, 13., 2018, Campina Grande, PB. [Anais...]. Campina Grande, PB, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2018/TRABALHO_EV112_MD1_SA3_ID83_01052_018183830.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

³ O processo heterocisnormativo — padrões pré-estabelecidos de gênero em consonância com o sexo biológico — foi iniciado na gestação e não se pode dizer que de modo inconsciente. São colocadas inúmeras expectativas na vida da criança, desejando um futuro certo dependendo do órgão genital que este ser venha a possuir. Se sorte tiver, virá com um pênis, já que a falta dele é um problema. É ele que manda; sem ele a mulher não consegue nada sozinha. PARANHOS, William Roslindo. A heterocisnormatividade na construção de nossa personalidade. *Blogueiras feministas*, 08 out. 2015. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2015/10/08/a-heterocisnormatividade-na-construcao-de-nossa-personalidade/>. Acesso em: 09 nov. 2024.

Desta forma, é preciso dar-se conta, denunciar condutas, refletir e anunciar tantas outras que possam modificar e refazer itinerários para vivências, corpos e experiências mais libertárias, equitativas e justas.⁴

O sistema patriarcal capitalista, têm gênero, cor, forma, padrão, e ensina outros corpos masculinos a exercer performances que haja em prol da manutenção e expansão de domínios, produções dos corpos, vivências e sobretudo comportamentos, apropriando-se assim dos corpos, vidas e realidades hierarquizando-as em favor de uma cultura homogeneizada, heterossexual e de supremacia branca e masculina, onde todas as formas que fogem deste padrão estabelecido pagam o preço por suas corporeidades e por vislumbres de liberdade.

Abordar o tema das masculinidades, é dar-se conta de que esta é uma categoria mutável, flexível, e que passa pelo crivo dos constructos sociais. O ideal de masculinidade hegemônica é construído culturalmente nas sociedades, portanto, não há somente um conceito de masculinidade, elas se dão de maneiras distintas, tendo, porém, alguns elementos em comum, como por exemplo o patriarcado, a dominação e o poder, estruturados de tal forma a criarem um ambiente de reprodução social, estabelecendo a partir da binaridade, formas de ser mulher e ser homem.⁵

Neste sentido, cabe ressaltar aqui o papel que a religião cristã ocupa neste constructo, uma vez que a religião não faz-se a parte da sociedade e da cultura, pelo contrário esta exerce papel fundamental para a manutenção das estruturas culturais dominantes. Desta forma, buscar-se-á neste estudo, vislumbrar outras formas de práticas religiosas cristãs que exerçam e participem de novas construções relacionais de gênero, sexualidade e sobretudo de masculinidades.

Assim tratar o tema das masculinidades é adentrar em um tema complexo com muitas características sociais, culturais e religiosas. Os estudos de gênero, sexualidade, baseados nas teorias culturais e sociais de construções de corpos e experiências,

⁴ Segundo Guacira Lopes Louro: “Gênero como constituinte da identidade dos sujeitos [...] tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. [...] Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o.” LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

⁵ Segundo BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

focaram e com razão, nas violências e opressões experimentadas por mulheres, e pessoas que não se identificam com o perfil heterocisnormativo.

O conceito de masculinidade tem sido historicamente associado a papéis de dominação, controle e poder, especialmente no contexto das tradições religiosas. Esta dominação, justifica-se em grande medida a partir do cristianismo, de passagens da Bíblia Sagrada, de dogmas, construções, reproduções morais, tendo como transfundo a interpretação do texto sagrado, assim são extraídas determinadas passagens onde por exemplo a masculinidade hegemônica é configurada e interpretada para que o ideal de homem seja construído a partir e para a dominação. A exemplo da carta do Apóstolo Paulo expressa em 1Tm 2.11-15, onde lê-se: *“A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o homem; esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão e depois Eva”*.⁶

Este é um exemplo utilizado para justificar uma supremacia masculina, no âmbito cristão, uma vez que é sabido que as tradições cristãs, auxiliam no processo de construção cultural dos indivíduos, uma vez que as repetições, práticas ritualísticas atravessam a construção de doutrinas morais, assim como ideal de pessoa, transformando assim a maneira como a pessoa identifica-se no e com o mundo.

No entanto, as últimas décadas têm testemunhado a emergência de discursos críticos sobre o significado e o impacto dos discursos normativos acerca da construção do ser homem e viver a masculinidade de maneira não opressiva. Esse movimento busca não apenas desafiar a masculinidades hegemônicas, mas também construir formas transformadoras de ser homem, que possam contribuir para a igualdade de gênero e o respeito à diversidade sexual, assim como para a construção de conceitos de masculinidades que permitam experimentar relações mais igualitárias e equitativas.

PENSANDO MASCULINIDADES TRANSFORMADORAS A PARTIR DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE DE GÊNERO

É sabida a relação opressiva empreendida pelo sistema patriarcal, opressão esta vivenciada sobretudo por mulheres, e pessoas LGBTQIAPN+, não obstante este sistema

⁶ BÍBLIA. Português. Almeida Século 21. 2008. SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. Bíblia Sagrada Almeida Século 21/ [Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, Hagnos, 2008. p. 911.



afeta também os homens. Assim como a ideia de feminilidade é construída e assimilada culturalmente, também o ideal de masculinidade passa pelo crivo patriarcal do emparelhamento de comportamentos, corporeidades e expressões do que é e significa ser homem na cultura, o qual se dá através de normas sociais estabelecidas e divididas pela ideia de sexo biológico, reproduzidas a tal ponto de serem compreendidas como norma social. Neste sentido, segundo Simone de Beauvoir,

Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa na terra. As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus desígnios.⁷

Partindo também das reflexões propostas por Beauvoir, compreende-se que como não se nasce mulher, torna-se, a mesma primícia aplica-se com relação a ideia de homem, tomando em conta as distinções e privilégios, entretanto, o tornar-se homem, é tão construído e moldado e reproduzido. Há de se levar em consideração o aparato social que constitui estes ser masculino, macho, dominador, mantenedor da família e dos bons costumes, o ser do externo, do mundo, sexualmente ativo, um ser a-sentimental. Essa perspectiva embasa-se também a partir das sexualidades e expressões de gênero de homens gays, mulheres transexuais, homens transexuais, ou qualquer outra categoria autoidentificada.

Para Beauvoir, o 'sujeito', na analítica existencial da misoginia é sempre o masculino, fundido com o universal, diferenciando-se de um 'outro' feminino que está fora das normas universalizantes que constituem a condição de pessoa inexoravelmente 'particular', corporificado e condenado a imanência.⁸

Este sujeito masculino, hierarquizado, opressor, culturalmente assimilado como dominador, provedor, forte, ao qual tudo é permitido na lei cultural, na estrutura social, justificada e abençoada pela cultura religiosa cristã. Esta que se apresenta como maioria também em muitas estruturas sociais e culturais, mantém-se há séculos sendo reproduzido e construído geracionalmente, a ideia de masculinidade presente no advento dos estudos das categorias de gênero e sexualidade.

Certamente não é o mesmo que hoje transita e constrói realidades, a temporalidade a mobilidade e as gerações mudam, cambiam formas de experimentar a

⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 16.

⁸ BUTLER, 2008, p. 31.



vida, assim, os corpos hoje reprodutores de uma masculinidade hegemônica, fazem isso de outras formas, há, porém, o fator em comum. Tanto os homens de décadas atrás, como os homens de hoje, seguem expressando violências, hierarquias e opressões sobre os corpos de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. Desta forma, compreende-se também que o poder e a opressão encontram novas formas de exercer domínio.

Aqueles que acham gênero não radical o suficiente deveriam ouvir aqueles que temem seu potencial radical. Para os oponentes do gênero, a palavra conjura fantasias de desejo de liberdade selvagem, de sexualidade descontrolada. Se como sustentam, heterossexualidade e ordem social são intimamente ligadas, uma provê a fundação natural da outra, então gênero – a atribuição arbitrária e contingente de papéis para os corpos sexuados – inverte as relações (fazendo a sociedade a determinante de identidade sexual). Mesmo se os referentes são restritos a homens e mulheres, a ideia de que eles são definidos ‘dentro do contexto da sociedade’ coloca em questão a própria reivindicação da auto-evidência [sic] biológica. Na lógica destes críticos, então, gênero leva inexoravelmente à liberdade da orientação sexual, ao desprendimento do desejo do seu mandato reprodutivo. Uma vez que o desejo é libertado desta forma, ele aparentemente não tem limites. Homossexuais, bissexuais, transexuais são a encarnação fantasmática do fim do homem.⁹

O potencial radical da categoria de gênero vem aos poucos construindo novas formas de ser mulher no mundo, contestando os séculos de opressão e violência. Ainda que haja um enorme caminho a ser percorrido, alguns pequenos passos já foram dados, uma vez que são inegáveis os avanços, mudanças e caminhos percorridos. Há ainda muito a percorrer, (re)construir e reivindicar.

“As mudanças provocadas pelo feminismo desestabilizaram o modelo masculino tradicional e colocaram a necessidade de sua revisão. Desde a década de 70, a questão masculina tem sido objeto de múltiplos estudos, em diferentes países”.¹⁰ Esta desestabilização no modelo de masculinidade, justifica também a contrariedade quanto aos avanços do feminismo e das teorias de gênero, indo de encontro a supremacia patriarcal, capitalista, não se pode negar que há também ainda pavor e em alguns casos aversão a forma de construção que as teorias feministas, de gênero e sexualidade propõe para a sociedade, cultura e religião.

⁹ SCOTT, Joan W. Os usos e abusos do gênero. Trad. Ana C. Eiras C. Soares. *Projeto História*, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012. p. 344. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>. Acesso em: 04 nov. 2024.

¹⁰ ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. p. 48. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004>.



Longe de ser pensada como absoluta, a masculinidade, atributo do homem, é relativa e reativa. Tanto que, quando a feminilidade muda – em geral, quando as mulheres querem redefinir sua identidade – a masculinidade se desestabiliza. Repensar o masculino supõe rever modelos de comportamentos, teorias e discursos que, ao longo da história, têm sido usados para explicar a masculinidade.¹¹

Não obstante, como citado por Scott, a heterocisnormatividade tem sérios problemas com as expressões de liberdade, principalmente pelo fato de que a liberdade não é controlável, ela exerce sua força sem normas pré-estabelecidas e causa pavor ao sistema que tudo controla, talvez este seja a matriz de resistência do patriarcado e das masculinidades hegemônicas, o medo constante de perder seu exercício de controle dos corpos, do poder e da vida. O sistema segue ainda vigente e operante, porém percebe-se pequenas rachaduras na estrutura do patriarcado, rachaduras estas que juntas podem desestruturar os fundamentos do patriarcado, uma vez que liberdade sobre corpos destoantes, é o fim do homem, aqui entendido em sua literalidade, masculina hegemônica, heterossexual, adjetivos que configuram o ideal de homem, ainda na atualidade.

É sabida a relação opressiva empreendida pelo sistema patriarcal, opressão esta vivenciada sobretudo por mulheres, não obstante este sistema afeta também os homens. Assim como a ideia de feminilidade é construída e assimilada culturalmente, também o ideal de masculinidade passa pelo crivo patriarcal do emparelhamento de comportamentos, corporeidades, expressões de como é ser homem na cultura e através de normas sociais estabelecidas e divididas pela ideia de sexo biológico.

A construção social da masculinidade deve ser compreendida a partir da categoria gênero, que é um elemento fundamental para a análise desse fenômeno. As teorias de gênero têm a capacidade instrumental de fornecer elementos para compreensão de como as relações sociais de sexo estão estabelecidas. A imposição desse ideal hegemônico de masculinidade é constituído a partir da oposição à mulher, no momento em que a diferenciação dos sexos é fundamental para provar a condição de 'macho masculinizado'.¹²

Assim a diferença biológica justificada pela construção de um estereótipo de homem, forte, macho, defensor da família evidencia-se nas relações. O ser homem carrega em si uma série de fatores corporais, sociais e psicológicos, desde criança, meninos são ensinados pela estrutura social, em primeiro lugar, pela igreja, pela

¹¹ ARAÚJO, 2005, p. 48.

¹² LEMOS, Fernanda. A Representação Social da Masculinidade na Religiosidade Contemporânea. *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, vol. 1, n. 1, p. 1-17, 2011. p. 4.



educação, que homem precisa portar-se como homem, é dizer, gostar de futebol, ser sociável, ter interesse por carros, aventuras, jogos, tudo aquilo que remete ao mundo externo, enquanto as meninas passam a ser incentivadas ao mundo interno, doméstico, ao cuidado a sensibilidade, fragilidade e submissão. Estas são algumas das características associadas a construção de papéis masculinos e femininos.

O PAPEL DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS

A masculinidade hegemônica refere-se ao modelo culturalmente dominante de masculinidade, que valoriza traços como agressividade, competitividade, heterossexualidade compulsória e controle emocional, expressões corporais e comportamentos sociais, culturais e religiosos, o modelo que aqui se busca compreender, parte de uma estrutura cultural de uma masculinidade sem medos ou fragilidades, a qual, vem sendo forjado há séculos, através do controle e poder, decidido por homens, para homens, com o intuito de manutenção de poder, todo homem nasce com privilégios, estes porém são também hierarquizados, uma vez que compreende-se que não é a mesma coisa ser homem branco heterossexual, do que ser homem gay, trans, bissexual, negro, pobre, etc.

Apesar de ser uma característica cultural-patriarcal de identidade de gênero, há uma definição, a priori, das características da masculinidade. [...] Os homens não têm opção de escolher suas preferências sexuais, ou os papéis que cabe desempenhar ao longo de suas vidas. O masculino assumirá uma identidade de gênero instruída culturalmente, que supõe ocupar posições sociais determinadas, isto é, ter filhos legítimos, ser heterossexual, ser provedor da casa. Quem não assume estes mandatos cairá num vazio social. Ou seja carecerá de uma identidade de gênero reconhecida ou fará parte da galeria de masculinidade marginalizada e sofrerá as sanções sociais correspondentes.¹³

Tal hierarquização em torno do modelo de masculinidades, deflagra que o ideal de homem diz respeito a sua etnia, classe social, sexualidade, nível de instrução, dentre tantas outras, e todos os homens cuja performance e exercício da masculinidade fuja deste padrão estabelecido, sofrem as consequências, sendo atravessados todo o tempo por imposições e direcionamentos que impelem o exercício de masculinidade hegemônica e opressora.

¹³ ECCO, Clóvis. A Função da Religião na Construção da Masculinidade. *Revista de Abordagem Gestálica: Phenomenological studies*, Goiânia, vol. 14, n.1, p. 93-97, jun. 2008. p. 95.



Parte-se da perspectiva de que mais instituições sociais contribuem para a construção social do masculino em nossa realidade. Quando nós nascemos, o Estado é responsável por assegurar os direitos de cada indivíduo e dos sujeitos sociais, claro, desde que o indivíduo cumpra com a sua função, que é o desempenho social esperado. Da mesma forma, a família, que é uma instituição profundamente importante para a manutenção do poder; e a Escola, que é uma das primeiras instituições que tem a responsabilidade de socialização, e o compromisso da assimilação dos direitos e deveres do cidadão, simultaneamente com a orientação. Logo, são inúmeras – a partir dos exemplos dados acima – as instituições responsáveis pela construção social dos sujeitos, todas com características diferentes, porém com o mesmo objetivo: integrar e socializar ao meio social em que as pessoas vivem.¹⁴

A religião desempenha um papel crucial na construção e manutenção de normas de gênero e sexualidade. Instituições religiosas moldam a compreensão social do que é apropriado ou não no comportamento masculino e feminino, frequentemente reforçando as normas tradicionais. Porém, há também movimentos dentro das religiões que incentivam a reformulação de tais normas.

Entre 49 pessoas do sexo masculino, 46 deles apontaram a doutrina da religião católica como estruturadora e mantenedora da supremacia de identidade masculina. Afirmava-se que a imagem consagrada e alicerçada em nossa tradição é de uma figura masculina de Deus, e por isso, segundo os entrevistados, assumiam-se mais próximos e preferidos. No entanto, ser homem em tão grande estima, dão a eles a prerrogativa da supremacia em relação com o universo feminino.¹⁵

A relação entre masculinidades e religiosidade revela como as crenças religiosas moldam os papéis de gênero na sociedade. Muitas tradições religiosas perpetuam ideais de masculinidade que exaltam características como autoridade, força e liderança, posicionando os homens como figuras centrais tanto no lar quanto na comunidade de fé. Esses valores, frequentemente ancorados em interpretações específicas de textos sagrados, podem reforçar desigualdades, marginalizando identidades de gênero e sexualidades que fogem a esses padrões. No entanto, os espaços religiosos também oferecem oportunidades para questionar essas normas e construir masculinidades mais inclusivas, à medida que fiéis reinterpretam seus princípios à luz de contextos sociais em transformação.

Lentamente e quiçá por influência benéfica da reflexão de gênero de muitas mulheres, fora e dentro das igrejas, se fala com maior frequência de masculinidade. Essa reflexão nos lembra que 'gênero' é a maneira de construir relações sociais articulando-as em dois polos, masculino e feminino, segundo dados biológicos visíveis, especialmente genitais, interpretados ao nascer.

¹⁴ ECCO, 2008, p. 94.

¹⁵ ECCO, 2008, p. 93.



Assim, neste sentido, se nascemos com pênis, somos etiquetados como homens e nos impõem um padrão de vida, um modelo socialmente definido e aceito de comportamentos, valores e expectativas para ser homens. **É masculinidade designada.** A masculinidade imposta, independentemente de culturas e geografias, e assumem os traços próprios locais, está sempre vinculada a determinadas qualidades, sobretudo associadas com a força, a violência a agressividade a potência a inteligência e a ideia de que é necessário estar provando e provando-se continuamente que 'é homem'. Este modelo definido não admite contrapontos ou alternativas, prevalece e se converte em estereótipo. (Tradução própria).¹⁶

Essa reconfiguração torna-se especialmente evidente em grupos religiosos mais progressistas, que buscam conciliar fé e igualdade de gênero. Contudo, o convívio entre visões conservadoras e progressistas dentro das mesmas comunidades gera conflitos e reflexões. Em contextos migratórios, por exemplo, a religiosidade pode tanto preservar modelos tradicionais de masculinidade em situações de incerteza quanto permitir novas formas de ser e se relacionar com o outro. Nesse cenário, a relação entre masculinidades e fé emerge como um campo dinâmico, onde as tensões e possibilidades de mudança caminham lado a lado.

A religião tem a capacidade, assim como o meio ambiente, de 'modelar' os sujeitos, tamanha sua influência social. Por isso, consideramos o campo simbólico, desde os mecanismos mais sutis de influência religiosa na vida dos sujeitos, como um espaço privilegiado para entender a construção social da supremacia cultural da masculinidade. Entendemos que a constituição da subjetividade se dá por meios – como diria Geertz – 'modelatórios', ou seja, sob a influência de uma gama de formas de religiosidade.¹⁷

Este modelo se configura como a norma à qual os homens são, de uma maneira ou de outra, pressionados a se adequar. As instituições religiosas, especialmente aquelas de matriz monoteísta, têm desempenhado papel central na promoção e perpetuação desse modelo de masculinidade, dá-se aqui ênfase ao cristianismo e seus desdobramentos confessionais.

O que costuma ser assunto numa roda de homens? Certamente serão lembrados os assuntos *futebol, carros, mulheres, política, custo de vida*. Os homens muito raramente falarão de relacionamentos com a esposa, de filhos, de família, de sexualidade. A maioria dos homens não gosta, não sabe ou entende

¹⁶ REYES ARCHIVA, Francisco; MADRIGAL RAJO, Larry José. Introducción colectiva: Re-imaginando la masculinidad: caminos diversos para la reflexión sobre la relación Biblia, género y masculinidad. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, n. 56, p. 13-17, 2007. p. 14. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/56.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

¹⁷ ECCO, 2008, p. 94.

que não precisa falar de masculinidade e de corpo, muito menos de seu corpo e sua masculinidade, e ainda mais raramente falar disso com outros homens.¹⁸

A partir do exposto, infere-se que o ideal de masculinidade diz respeito, principalmente numa configuração heterocisnormativa, que ser homem é não demonstrar fragilidades, nem preocupação com assuntos que fazem olhar para si, refletir seu papel no mundo, muito pelo fato da hegemonia já estabelecida, como mencionado acima, homens já nascem com privilégios, facilidades de transito liberdade quase irrestrita, senso de poder e domínio, todos estes construídos e reproduzidos para e a partir do patriarcado, não obstante, é preciso compreender que essa relação de privilégios e poder tem também um preço.

Não poder externar o que sente, não ser frágil nunca, lembrar-se diariamente que homem não chora, não lamenta, não é sensível, não se preocupa com o corpo, e possui indubitavelmente liberdades sexuais, ensinadas e ensaiadas geracionalmente, num ciclo sem fim de reproduções hegemônicas.

À primeira vista, o termo 'regulação' parece seguir a institucionalização do processo pelo qual as pessoas são tidas como normais. Com efeito, referir-se à regulação no plural é já reconhecer as leis, regras e políticas concretas que constituem os instrumentos jurídicos por meio dos quais as pessoas tornam-se normais. Mas creio que seria um erro entender todas as maneiras pelas quais o gênero é regulado nos termos dessas instâncias legais empíricas, pois as normas que regem tais regulações excedem as próprias instâncias em que estão corporificadas. Por outro lado, seria igualmente problemático falar de regulação de gênero em abstrato, como se as instâncias empíricas apenas exemplificassem uma operação de poder que ocorreria independente mente delas.¹⁹

O trecho apresentado pode ser relacionado às discussões sobre masculinidades ao abordar o conceito de regulação, que envolve as normas sociais, culturais e jurídicas que definem o que é considerado "normal" ou aceitável em termos de gênero. Essa ideia é central para compreender como as masculinidades são construídas e mantidas em diferentes contextos.

O conceito de "regulação" conecta-se à ideia de masculinidade hegemônica, é o modelo dominante de masculinidade em uma dada sociedade. Esse modelo regula os

¹⁸ SCHULTZ, Adilson. Isto é o meu corpo – e é corpo de homem: Discursos sobre masculinidade na Bíblia, na literatura e em grupos de homens. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (org.). *À Flor da Pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2017. p. 162-187. p. 172.

¹⁹ BUTLER, Judith P. *Desfazendo gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022. p. 73.

comportamentos e atitudes esperados de homens, estabelecendo padrões que são frequentemente percebidos como naturais, mas que, na verdade, são socialmente construídos. Por exemplo, a valorização da força física, da heterossexualidade compulsória e da agressividade pode ser vista como parte dessa regulação.

A partir de Butler, pode-se compreender que as normas que regulam o gênero excedem as instâncias jurídicas ou formais. No contexto das masculinidades, isso significa que as expectativas em torno do que "faz" um homem não estão apenas em leis ou políticas, mas permeiam práticas cotidianas, linguagens, espaços de trabalho, escolas e até interações interpessoais. As masculinidades são, assim, reguladas tanto por normas explícitas quanto por expectativas sociais implícitas.

Faz-se necessário atentar para o perigo da regulação de gênero, é importante notar que as masculinidades não são homogêneas. Existem masculinidades subordinadas (como a de homens gays ou homens que não seguem os padrões hegemônicos), que são reguladas de maneiras diferentes, frequentemente por meio de exclusão, estigmatização ou violência simbólica. O trecho permite explorar como essas masculinidades desafiam ou se conformam a normas regulatórias. Esta ordem regulatória, com forma explicitado neste estudo, parte do pressuposto de que a religião e a religiosidade cristã são responsáveis pela propagação de estereótipos de masculinidades heterocisnormativas, assim como, através da interpretação das Sagradas Escrituras, e por meio de dogmas religiosos, liturgias, e modelos de masculinidade, feminilidade, sexualidade, corporeidade e família, moldam a forma como homens compreendem seus corpos e suas masculinidades no mundo.

A religião é sociologicamente interessante não porque, como o positivismo vulgar o colocaria, ela descreve a ordem social (e se o faz é de forma não só muito oblíqua, mas também muito incompleta), mas porque ela – a religião – a modela, tal como o fazem o ambiente, o poder político, a riqueza, a obrigação jurídica, a afeição pessoal e um sentido de beleza.²⁰

Neste sentido é preciso questionar como as normas regulatórias podem ser desafiadas. No caso das masculinidades, isso envolve movimentos que promovem masculinidades mais plurais, menos tóxicas e mais inclusivas, desafiando as normas tradicionais que regulam o que significa "ser homem".

²⁰ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 136.

Em suma, as discussões sobre masculinidades problematizam também como as normas de gênero operam simultaneamente em níveis concretos (jurídico, institucional) e abstratos (simbólico, cultural), contribuindo para a manutenção de determinados padrões masculinos enquanto marginaliza outros.

Desta forma, as masculinidades transformadoras procuram subverter essas normas, rejeitando a violência, o controle e a subjugação como partes essenciais da identidade masculina. Elas se alinham com movimentos feministas e LGBTQIAPN+ em busca de uma maior justiça de gênero, promovendo relações de respeito e equidade.

MASCULINIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL: ITINERÁRIOS PARA UMA TRANSFORMAÇÃO

A heteronormatividade tem sido um pilar central na construção das masculinidades tradicionais. No entanto, a aceitação de diferentes orientações sexuais e identidades de gênero está crescendo em várias partes do mundo, e isso afeta diretamente as expectativas sobre os homens e suas identidades. Homens que desafiam a normatividade heterossexual também questionam o que significa ser "masculino", oferecendo novas possibilidades de masculinidade baseadas no respeito à diversidade e na rejeição da discriminação.

Neste ponto, o artigo explora como a diversidade sexual desafia os conceitos tradicionais de masculinidade. A masculinidade hegemônica frequentemente coloca homens não heterossexuais em posição de subordinação, mas as masculinidades transformadoras buscam romper com esses paradigmas, promovendo uma coexistência que não apenas aceita, mas valoriza a pluralidade sexual.

Deve-se questionar, como e em que medida masculinidades transformadoras estão sendo promovidas em diferentes contextos religiosos e sociais. Um exemplo notável são os grupos de homens envolvidos em movimentos feministas ou em iniciativas de prevenção à violência de gênero. Esses grupos promovem uma revisão crítica dos comportamentos e atitudes masculinas, incentivando os homens a assumirem responsabilidade por seus privilégios e pela violência estrutural contra mulheres e LGBTQIAPN+.

Da margem surge uma cultura que influencia e questiona o padrão social. Uma subcultura que, na verdade, fornece os limites para a cultura dominante que usa categorias como 'bicha' e 'sapatão' para definir o que é muito baixo, muito extravagante, muito suave ou perigoso, muito agressivo ou sexual. Esta subcultura *gay*, com a sua experiência antes negada ou ignorada, surge como fonte e destino também da reflexão teológica. Uma experiência que é específica e comum ao mesmo tempo. Específica às pessoas homossexuais que vivenciam situações e experiências diferentes daquelas vividas por heterossexuais, pois passam por períodos de dúvidas e incertezas com relação a si mesmas (uma vez que a sociedade e a cultura dominante não oferecem modelos para a construção de sua identidade), períodos de negação e aceitação, numa sociedade em que a sua forma de expressão sexual não participa da norma.²¹

As tradições religiosas cristãs, que busca-se enfatizar neste estudo, desempenham papel duplo na construção de masculinidades. Por um lado, há doutrinas e práticas que reforçam estereótipos de gênero e sexualidade, como a ideia do homem como líder, provedor e protetor. Isso pode estar associado à oposição a expressões de masculinidade que se desviam do padrão heteronormativo, como homens que se identificam como gays, bissexuais ou transgêneros. Esses indivíduos muitas vezes enfrentam exclusão e estigmatização.

Além das mensagens sociais e culturais negativas com relação à homossexualidade às quais homossexuais estão expostos desde a infância e adolescência, o discurso religioso legitima essa concepção pela interpretação de textos bíblicos específicos e pela tradição da Igreja. A Bíblia, em geral, tem sido usada, com base nos 'textos de terror', para provar que a homossexualidade é algo pecaminoso e antinatural. No entanto, a teologia *gay* propõe uma **hermenêutica bíblica** que vá além destes textos (que ademais já foram desconstruídos por diversos autores e autoras) e perguntar como homens *gays* lêem a Bíblia. Como afirma Ken Stone "esta construção acontece, entre outros lugares, no local da leitura sempre quando os leitores *gays* são encorajados através de sua leitura a responder às fontes autoritativas de 'heterossexualidade compulsória'. Não se trata de provar a legitimidade da homossexualidade, mas de curar as feridas deixadas por pregações feitas com base em leituras fundamentalistas, permitindo que a vida de homens *gays* ilumine os próprios textos."²²

Conforme explicitado por Musskopf, a tradição da igreja cristã, através da interpretação de textos sagrados, tem perpetuado uma heterossexualidade compulsória, ou seja, um ideal de que ser homem é ser heterossexual, com todas as construções e arranjos sociais. Não sobra assim espaço para a diversidade, que é vista sempre como destoante, fora do padrão aceitável, e condicionada a condenação.

²¹ MUSSKOPF, André S. À meia luz: a emergência de uma teologia *gay*: seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU ideias*, São Leopoldo, v. 3, n. 32, p. 1-34, 2005. p. 13.

²² MUSSKOPF, 2005, p. 15.

Desta forma, partindo de uma masculinidade heterocisnormativa, que prega compulsoriamente uma única forma de ser homem, como já referenciado no decorrer deste estudo, qualquer forma, expressão, corpo que não se adeque ao sistema do machismo estrutural, de uma heterossexualidade compulsória, é designado à margem, aos entrelugares, ou seja, não se enquadra em nenhuma das modalidades sociais hegemônicas. Ainda que haja o movimento LGBTQIAPN+, é preciso deflagrar que também entre as pessoas que se identificam como diversas, papéis sociais são designados, o ativo, o passivo, o masculino, o afeminado, etc. Estes marcadores sociais também são traços de uma masculinidade hegemônica.

Por outro lado, as próprias religiões têm, em muitos casos, aberto espaço para reinterpretar essas normas. Comunidades religiosas progressistas vêm promovendo masculinidades transformadoras que rejeitam o domínio e a violência. Por exemplo, teologias feministas e queer, enfatizam a compaixão, o cuidado e a vulnerabilidade como características desejáveis nos homens, em oposição ao controle e à força física.

Religiões que promovem justiça social, como algumas correntes do cristianismo progressista, islamismo e movimentos afro-religiosos, estão cada vez mais presentes em debates públicos sobre masculinidade, igualdade de gênero e diversidade sexual. Esses movimentos mostram que é possível a construção de novas masculinidades que respeitem tanto os valores religiosos quanto a dignidade de todas as pessoas.

No contexto LGBTQIAPN+, a hierarquização também é presente, quanto mais um homem gay é masculinizado, mais respeito e inclusão na sociedade terá, em detrimento, das outras expressões, ou seja, se pode até ser gay, desde que não aparente feminilidade, fragilidade ou qualquer traço de submissão. Caso contrário, não haverá espaço, os corpos destoantes, estão fadados às periferias sociais, e por exercerem sua liberdade, sua corporeidade são condenados também pela igreja ao pecado eterno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A masculinidade, em sua forma hegemônica, está sendo desafiada por novos modelos que buscam justiça social e equidade. A religião, embora tenha sido historicamente uma força na manutenção das normas tradicionais de gênero e sexualidade, também pode ser um campo fértil para a transformação. As masculinidades

transformadoras oferecem uma alternativa, onde ser homem não significa dominar ou controlar, mas sim participar de relações baseadas no respeito e na igualdade.

Promover essas novas formas de masculinidade é essencial não apenas para o avanço da igualdade de gênero, mas também para o respeito à diversidade sexual e de identidade de gênero. O papel das religiões nesse processo é complexo, mas vital para a construção de sociedades mais inclusivas e justas.

Não obstante, conforme explicitado no decorrer deste estudo, é preciso questionar as hegemonias, transformar paradigmas, compreender as opressões sociais.

Reconstruir, ou, reconfigurar a construção de masculinidades não é somente uma ideia romantizada, é necessário compreender e aceitar que o que até o momento compreende-se como masculinidade têm sido a matriz de violências, opressões e marginalizações. Neste atual modelo de masculinidade os homens heterocisnormativos, são ensinados que os corpos das mulheres, por exemplo são sua propriedade, e assim, podem deles fazer o que bem entendem. O número de mulheres vítimas de violências sexuais, físicas e psicológicas têm crescido exponencialmente,²³ neste sentido não há outra explicação para tal fenômeno se não a manutenção de masculinidades padronizadas e cunhadas no espectro social que determina que homens devem ser dominadores, violentos, opressores, em oposição a qualquer corpo, sexualidade ou expressão que destoe desta ideia universalista.

Não obstante, é preciso reivindicar espaços, conquistar territórios de liberdade, e construir outras possibilidades de masculinidades, outras compreensões do que é ser homem na sociedade e na cultura. É sabido que esta não é uma tarefa de simples execução, porém mulheres feministas, pessoas estudiosas das categorias de gênero vêm planteando novas perspectivas, não somente sobre o que significa ser mulher, mas

²³ Segundo pesquisa publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística: Mulheres jovens, entre 15 e 29 anos, compõem o grupo mais afetado, com grande impacto em suas famílias e comunidades. Em alguns países, cerca de 30% das mulheres relatam violência por parte de parceiros íntimos, e até 10,7% sofrem violência sexual fora do casamento. A região também tem altas taxas de violência física e psicológica contra mulheres e meninas. Entre 60% e 76% das mulheres relatam já ter sofrido algum tipo de violência de gênero ao longo de suas vidas. Casamentos infantis e uniões precoces também permanecem como uma prática comum, afetando cerca de 20% das meninas. NERY, Carmen. Violência atingiu 29,1 milhões de pessoas em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas. *Agência IBGE Notícias*, 07 maio 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas>. Acesso em: 12 nov. 2024.

também o significado de masculinidade. No que diz respeito às masculinidades e religiosidade, estes estudos são ainda muito incipientes, uma vez que, não é do interesse dos homens heterocisnormativos, contestarem seu próprio lugar de privilégio, assim mais uma vez, mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, precisam reivindicar estas hegemonias, comprovando que este homem-macho universal, é também violento consigo próprio e a partir destas constatações propor novas relações de masculinidade, do que é e significa ser homem na sociedade. Compreendendo que não há uma só masculinidade, e também que a diversidade sexual não é uma ameaça, mas sim uma outra forma de experienciar a vida, o masculino e também o sagrado.

Desta forma, este estudo buscou apresentar as principais formas de compreensão das masculinidades, bem como, outras formas de conceber, compreendendo que esta transformação pode também acontecer a partir da religiosidade e da fé cristã.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004>.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BÍBLIA. Português. Almeida Século 21. 2008. SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. Bíblia Sagrada Almeida Século 21/ [Antigo e Novo Testamento]. São Paulo: Vida Nova, Hagnos, 2008.

BUTLER, Judith P. *Desfazendo gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ECCO, Clóvis. A Função da Religião na Construção da Masculinidade. *Revista de Abordagem Gestálica: Phenomenological studies*, Goiânia, vol. 14, n.1, p. 93-97, jun. 2008.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LE MOS, Fernanda. A Representação Social da Masculinidade na Religiosidade Contemporânea. *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, vol. 1, n. 1, p. 1-17, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUSSKOPF, André S. À meia luz: a emergência de uma teologia gay: seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU ideias*, São Leopoldo, v. 3, n. 32, p. 1-34, 2005.

NASCIMENTO, Aldaberon Vieira do. Estereótipos de masculinidades na música 'Homem com H' e seus reflexos na educação. In: COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES, 13., 2018, Campina Grande, PB. [Anais...]. Campina Grande, PB, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2018/TRABALHO_EV112_MD1_SA3_ID83_01052018183830.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

NERY, Carmen. Violência atingiu 29,1 milhões de pessoas em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas. *Agência IBGE Notícias*, 07 maio 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas>. Acesso em: 12 nov. 2024.

PARANHOS, William Roslindo. A heterocisnormatividade na construção de nossa personalidade. *Blogueiras feministas*, 08 out. 2015. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2015/10/08/a-heterocisnormatividade-na-construcao-de-nossa-personalidade/>. Acesso em: 09 nov. 2024.

REYES ARCHIVA, Francisco; MADRIGAL RAJO, Larry José. Introducción colectiva: Re-imaginando la masculinidad: caminos diversos para la reflexión sobre la relación Biblia, género y masculinidad. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, n. 56, p. 13-17, 2007. Disponível em: <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/56.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

SCHULTZ, Adilson. Isto é o meu corpo – e é corpo de homem: Discursos sobre masculinidade na Bíblia, na literatura e em grupos de homens. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (org.). *À Flor da Pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2017. p. 162-187.

SCOTT, Joan W. Os usos e abusos do gênero. Trad. Ana C. Eiras C. Soares. *Projeto História*, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>. Acesso em: 04 nov. 2024.

Recebido em: 27 nov. 2024.

Aceito em: 16 dez. 2024.